

Inclusão na modalidade a distância: no discurso e na prática

Dra. Lucila Maria Costi Santarosa¹, Dra. Debora Conforto², Ms. Maristela Vieira Compagnoni³, Ms. Fernanda Chagas Schneider⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPGEDU/PGIE, lucila.santarosa@terra.com.br

²SMED/POA, deboraconforto@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PPGEDU/PGIE, maricompagnoni@gmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Sul/PGIE, ferchsc@yahoo.com.br

Resumo – *Esse artigo enfoca a experiência do Curso de Formação Continuada em Tecnologias de Informação e Comunicação Acessíveis que, ao assumir o desafio de acolher a diversidade humana na modalidade a distância, passou a empreender diferentes ações pautadas em parâmetros de acessibilidade e usabilidade, visando assim, respeitar e valorizar os diferentes perfis de cursistas ao ajustar-se às suas singularidades. O Curso que tem como objetivo principal reafirmar o potencial das tecnologias de informação e comunicação, capacitando professores para o atendimento de alunos com deficiência em processo de inclusão escolar e sociodigital, alinha seu discurso à sua prática ao assumir a heterogeneidade como um princípio central na configuração técnica e pedagógica em seu espaço de formação. Flexibilizar a estrutura curricular e tornar a processo formativo acessível a todos os professores cursistas, foram estratégias implementadas que, em consulta realizada junto aos professores que participaram da primeira edição no curso na qual foi implementado esse modelo, já vem sendo considerada uma ação positiva, validando a reengenharia curricular proposta.*

Palavras-chave: *Inclusão sociodigital – Acessibilidade – Formação continuada - EAD*

Abstract – *This article focus on the experience of the Continuing Education Course in Accessible Communication and Information Technology which, by accepting the challenge of working with human diversity in the Distance Education mode, started to undertake different actions which follow the accessibility and usability parameters to adjust to the participants' singularities in order to respect and value their different profiles. The Course has as the main objective to reaffirm the potential of the information and communication technologies so that it enables the teachers to work with students with diverse needs who are going to the process of school inclusion. Its policies are in consonance with its practices as they consider heterogeneity as the main principle in the technical and pedagogical settings of their space. The strategies which were implemented were to make the curricular structures flexible and the education process accessible to all the teachers who took the course. The participants of the first edition of the course which had this model implemented were surveyed and they considered these actions positive, which shows aspects that validate the curriculum reengineering proposed.*

Keywords: *Socio-digital inclusion – Accessibility- Continuing Education - e-learning*

1. Introdução

Ofertado desde 2000, o Curso de Formação Continuada em Tecnologias da Informação e Comunicação Acessíveis (CFCTICA¹), ao mesmo tempo em que atua em prol da capacitação de professores, busca contribuir para a transformação da escola comum em um espaço sociocultural inclusivo. Proposto e gerenciado pela equipe de pesquisa do NIEE/UFRGS, um grupo de investigadores que, atento às diferentes modificações do cenário educacional brasileiro, tem produzido tempo e espaço de formação em permanente reestruturação para responder às demandas da contemporânea escola tecnológica e inclusiva.

Circunscrito na intersecção de amplas e fecundas áreas do conhecimento, Informática, Informática na Educação Especial, Educação Inclusiva e Tecnologia Assistiva, o CFCTICA, no decorrer de suas edições, vem assumindo configurações em sua estrutura curricular alinhadas aos tempos e espaços em que vêm sendo ofertado. A posição atuante e reflexiva de formadores, tutores e professores cursistas confere à formação a capacidade de reinventar-se, uma exigência que se coloca pela própria dinamicidade da temática do curso, as tecnologias digitais acessíveis. Na medida em que novos elementos tecnológicos e educacionais são incorporados como ações de docência, esses passam a tangenciar a perspectiva abordada pelo curso, fazendo com que as relevâncias identificadas também sejam introduzidas nas agendas da formação como pautas emergentes. Incorporar diferentes tecnologias e explorá-las em suas possibilidades pedagógicas para pessoas com deficiência tem sido a marca deste curso de formação docente.

A força motriz desse permanente movimento de reinvenção está, indiscutivelmente, no contato com os quase 12.000 professores cursistas atendidos no decorrer dos anos de vigência do curso, por meio de um contínuo e sistematizado processo de avaliação e dos feedbacks recebidos de seus cursistas. Esse diálogo estabelecido entre educadores e equipe gestora do curso tem contribuído para a formação continuada de cada professor, mas, com a mesma intensidade, desencadeado processos de atualização, desenhando alterações em sua estrutura organizacional, curricular e pedagógica.

O desafio de formar diferentes perfis de educadores, capacitando-os para o atendimento de alunos com deficiência em processo de inclusão escolar e sociodigital, pressupõe, inicialmente, o compromisso de respeitar e valorizar a heterogeneidade do conjunto de educadores. Em resposta a esse desafio, foi preciso romper com o princípio de homogeneidade que estrutura o modelo de formação tradicional, um movimento que produziu a cada edição do curso a implementação de ações nas dimensões técnica e pedagógica para respeitar e promover o acolhimento das singularidades de professores cursistas que atravessam o espaço de formação humana sejam elas definidas pela própria

¹ Em suas primeiras edições, esse tempo e espaço de capacitação foi nomeado como PROINESP, Programa de Formação em Informática na Educação Especial.

localização geográfica e as características socioculturais dos educadores, pelas especificidades físicas e cognitivas ou, até mesmo, pelos diferentes níveis de familiaridade com a tecnologia.

Ao assumir a heterogeneidade como um princípio central na configuração técnica e pedagógica dessa formação, a equipe de coordenação do curso assumiu para si a responsabilidade de constantemente reavaliar as estratégias utilizadas, desde as pautadas no perfil do professor cursista, na validade das tecnologias envolvidas na formação, no formato e apresentação dos conteúdos, no limite e nas possibilidades de configuração dos ambientes virtuais e nas estratégias de mediação utilizadas por formadores e tutores.

2. A dinamicidade do cenário de formação docente

Ao longo dos últimos anos o cenário educacional brasileiro passou por um profundo processo de mudança paradigmática, principalmente quando o governo considerou como imperativa a necessidade de democratização do ciberespaço. A escola passou a ser reconhecida como uma importante porta de entrada para que seus atores, estudantes e educadores, tivessem a oportunidade de participar ativamente dos processos pedagógicos e socioculturais mediados pelas tecnologias da informação e comunicação.

A percepção da escola como tempo e espaço de inserção sociodigital, impulsionou a implementação de diversos programas e ações governamentais que objetivavam, em uma primeira instância, garantir o acesso aos recursos tecnológicos em contexto escolar. Paralela à disseminação de dispositivos tecnológicos, surgiu a necessidade de capacitar educadores para o uso pedagógico dos recursos digitais, demandando que políticas públicas de capacitação docente, como o CFCTICA, passassem a ser ofertadas para educadores brasileiros.

Inicialmente, os professores passam a frequentar capacitações e a interagir com as tecnologias regidos sob a lógica da dupla escassez: a primeira, pelo número reduzido de possibilidades de formação; a segunda, pela fragilidade no acesso aos recursos computacionais. O pequeno número de vagas nos poucos cursos ofertados pelo Ministério da Educação (MEC) produziam mudanças pouco significativas num cenário educacional tão amplo e diversificado, característico em um país de proporções continentais como o Brasil. Além disso, a escassez tecnológica se impunha na medida em que, não tendo condições de adquirir seu próprio computador, um bem de alto custo à época, fez com que o professor conduzisse seu processo de capacitação valendo-se quase que exclusivamente dos recursos disponíveis em suas instituições de ensino.

Na trajetória das inúmeras edições do CFCTICA, assistimos a uma mudança significativa desse panorama inicialmente observado. Em lugar da escassez de oportunidades formativas, surgiu a superoferta de cursos gratuitos para professores da educação básica atuantes em redes públicas de ensino. Capacitações conduzidas por redes de formação estruturadas por instituições de ensino superior

credenciadas vêm proporcionando ao professor um conjunto de possibilidades de estudos para qualificar sua prática docente.

As alterações no quadro da escassez de recursos tecnológicos se deram pela progressiva redução do valor dos computadores de uso pessoal e pelos investimentos estatais na ampliação das redes lógicas de transmissão de dados. A ampliação da oferta e da qualidade de acesso à internet, como também a oferta de crédito e distribuição de dispositivos móveis para educadores subsidiados pelo governo começaram a desenhar um novo panorama para a informática no cenário educacional.

Sob um conjunto de ações governamentais para a ruptura com a lógica da dupla escassez, somaram-se a aquisição de recursos tecnológicos pelas escolas: notebooks, netbooks, lousas digitais interativas, e tablets. Dados recentes confirmam a mudança de cenário, apontando que mais de 97% dos professores brasileiros possuem computadores pessoais², fenômeno reafirmado pela consulta realizada pela equipe do NIEE/UFRGS, informação que passou a ser considerada na organização das edições do curso.

Um novo panorama para a tecnologia vem sendo desenhado, no qual cada vez mais professores e estudantes passam a possuir seus próprios dispositivos computacionais, e na mesma proporção vem exigindo a estruturação de processos de formação ajustados e compatíveis com múltiplas plataformas, sistemas operacionais e configurações de hardware. O que antes precisava ser ajustado a no máximo dois modelos, livre e proprietário, hoje necessita ser programado observando a gama de recursos tecnológicos disponíveis no mercado.

Outro elemento estrutural que acaba influenciando a tomada de decisões na organização e gerenciamento de um curso a distância está no acesso e na capacidade da rede lógica de seus interagentes. Inicialmente, nos anos 2000, o ambiente virtual do curso era acessado pelos professores cursistas, majoritariamente, a partir de conexões discadas de baixa velocidade, fato que limitava a utilização de determinadas mídias e conteúdos na formação. No entanto, com a progressiva expansão e melhoria da velocidade/capacidade das redes de internet no país, estratégias que requisitavam maior robustez da conexão, enfim puderam se tornar uma realidade para todos. Com o incremento de ferramentas de armazenamento e compartilhamento de conteúdos on-line³, descartou-se também a necessidade de descarga de grandes arquivos, otimizando a utilização de tempo e de recursos.

A equipe do NIEE/UFRGS presenciou ao longo dessas experiências de formação docente, o aumento exponencial da demanda pela formação em

² Fonte: NIC.br - set/dez 2012.

³ Ferramentas implementadas sob o conceito de Computação nas Nuvens: Dropbox, Google Drive, YouTube, Picassa, entre outras.

tecnologias digitais acessíveis. Na primeira edição do curso, 200 vagas foram abertas para atender professores indicados pelo MEC. Atualmente, 1000 vagas são disponibilizadas por semestre, por abertura de edital público, que nas edições de 2013, recebeu mais de 9000 inscrições de candidatos oriundas de todo o país. O aumento na procura por formações no âmbito tecnológico e inclusivo foi impulsionado principalmente pela implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), quando professores se depararam com a presença do público-alvo da Educação Especial em sala de aula, exigindo de gestores e educadores subsídios para qualificação da prática pedagógica. Neste sentido, Rodrigues (2006) salienta que a gestão de uma classe, necessariamente, heterogênea exige que esta seja feita com base numa permanente avaliação e reflexão em grupo sobre as melhores estratégias a serem desenvolvidas, sendo um dos suportes possíveis à formação continuada.

Embora, o professor cursista não conte com a dispensa de carga horária para realização do curso, ações como a flexibilização do currículo e a eliminação da exigência de uma prova presencial, foram inovações implementadas ao longo das últimas edições, visando contemporizar demandas de uma formação em serviço, reconhecendo as diferentes atividades que compõem a vida desses profissionais. Adaptar-se às mudanças da sociedade sempre foi uma estratégia do CFCTICA para manter-se atual ao longo de seus anos de existência. Entretanto, a qualidade da formação projetada pela equipe NIEE/UFRGS deve-se, certamente, pela coerência entre seu discurso e prática inclusiva.

3. A coerência entre seu discurso e prática inclusiva

Ao longo das últimas edições do CFCTICA, foi constatado o crescimento progressivo do número de candidatos com deficiência que desejavam participar dessa formação e, ao nos propormos preparar profissionais para atuação em processos educacionais inclusivos, também nos comprometemos em garantir que a própria prática educativa do curso explicita exemplos da efetiva possibilidade da Educação Inclusiva.

Esse fato vem exigindo da equipe de implementação e de gestão do curso a construção de um conjunto de ações para potencializar a participação desses educadores com maior autonomia e independência, o que vem demandado a configuração de um atendimento educacional especializado e de profissionais cada vez mais preparados para responder positivamente às especificidades físicas, sensoriais e cognitivas da diversidade humana.

O olhar para o professor cursista com deficiência em um curso que coloca como bandeira a tecnologia com interface de inclusão para o público-alvo da Educação Especial foi efetivamente construído, buscando de forma permanente superar os limites impostos pelo atual estágio de desenvolvimento de tecnologia assistivas. Nas turmas nas quais estão incluídos professores com deficiência, trabalham formadores e tutores especializados para atender a necessidade específica desses docentes: baixa visão, cegueira, visão monocular, surdez,

tetraplegia, neurofibromatose, monoparesia, ausência de membros por amputação, entre outras⁴. Em exemplo, um dos movimentos de respeito e de valorização aos participantes com deficiência contempladas no curso foram as adequações em relação aos professores surdos. O surdo escreve de maneira diferenciada em Língua Portuguesa, uma vez que sua língua materna é Libras. Nesse sentido, além de estar preparado para as demandas específicas da educação a distância e do conteúdo do curso, formadores e tutores estavam capacitados para interagir por meio da língua de sinais e no contexto da cultura surda.

Cabe salientar que na equipe de trabalho do CFCTICA a inclusão é uma realidade. A prática educativa inclusiva se reafirma e se qualifica também pela atuação de formadores e tutores que apresentam deficiências como surdez, cegueira e tetraplegia. Tais profissionais agregam à formação sua competência, qualificação e experiência pessoal, aproximando assim nossas ações do público diretamente atendido e da realidade escolar que desejamos indiretamente alcançar.

Além disso, para promover uma educação inclusiva em qualquer modalidade de ensino, dois tipos de adaptações se colocam como necessárias: adaptações de acesso e de currículo (GLAT e OLIVEIRA, 2003; BRASIL, 1998). Do ponto de vista de uma escola presencial, as adaptações de acesso dizem respeito às rampas, elevadores, banheiros, barras de apoio, entre outros elementos que permitam ao estudante participar em todos os ambientes escolares. É comum acreditar, contudo, que a realização de cursos a distância eliminaria as barreiras de acesso, uma vez que não há um ambiente físico potencialmente restritivo. No entanto, o ambiente virtual e os materiais digitais também precisam passar por adaptações para serem considerados acessíveis.

Os diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) existentes oferecem um importante suporte para o modelo de Educação a Distância (EAD) que vem se popularizando a cada ano no Brasil e no mundo. Além de serem fomentados pelo intenso crescimento dessa modalidade educacional (Vieira, 2008), Neves e Gonçalves (2013, p.27) destacam que “é inegável que as novas gerações farão cada vez mais uso das novas tecnologias aplicadas à educação”.

Plataformas para a EAD, apesar de permitirem a superação de distâncias geográficas, ainda restringem a participação de muitos usuários por apresentarem limitações quanto à acessibilidade e usabilidade de seus recursos/funcionalidades, impedindo uma atuação mais autônoma para pessoas com deficiência. Para superar tais limitações, a equipe técnica e pedagógica do CFCTICA pesquisa e insere ferramentas externas que complementam e ampliam as possibilidades oferecidas pelos ambientes virtuais.

A comunicação síncrona tem sido apontada como um dos mais efetivos recursos para a fidelização e construção de em coletivo inteligente em processo de formação a distância. Entretanto, são as ferramentas de comunicação síncronas,

4 Dados coletas nos formulários de inscrição dos educadores em diferentes edições.

como chat, os recursos apontados com o maior problema de acessibilidade e de usabilidade para usuários com deficiência, especialmente, para cegos ou com baixa visão. As ferramentas de bate-papo textual presentes na maior parte das plataformas EAD atualmente disponíveis, não são acessíveis a leitores de tela, o que restringe a participação efetiva e autônoma desses usuários.

A estratégia adotada pela equipe de coordenação do curso para superação dessa barreira foi a realização de encontros síncronos por meio de aplicativos externos e de livre acesso, como Skype e Hangouts, que suportam conversação por voz e por vídeo. Ao mesmo tempo em que responde às especificidades de professores cursistas e tutores com deficiência, colocam nas mãos de todos os participantes ferramentas para o empoderamento docente.

A utilização de recursos variados de comunicação, explorando outras tecnologias além das disponibilizadas na plataforma EAD, tornaram os encontros síncronos entre os participantes mais qualificados e também, mais valorizados pelos educadores em processo de formação, motivando-os para a utilização desses recursos para além do espaço formal do curso:

Adorei participar do bate-papo pelo Hangout, a conversa ficou mais interativa, podemos conhecer alguns colegas e estreitarmos o nosso vínculo. É uma ferramenta fácil de usar e pode ser incorporada facilmente pelos demais integrantes do curso. [Professora cursista A. - Edição 2013/1]

Depois que a tutora do curso sugeriu o Hangout, fui pesquisar a ferramenta e testei no ambiente familiar com o meu marido e filha [Professora cursista B. - Edição 2013/1]

Paralelo a esse processo de pesquisa de recursos externos para superar as limitações percebidas nas plataformas EAD disponíveis, a equipe de pesquisadores do NIEE/UFRGS vem desenvolvendo uma plataforma acessível, Place⁵ (Figura 1), sintonizada com as diretrizes de acessibilidade e de usabilidade estabelecidas internacionalmente. No primeiro semestre de 2014, iniciaram-se os testes de validação, apontando para possibilidade de disponibilizar para as demais instituições de ensino superior, responsáveis pela formação de professores, uma interface digital para permitir que o conceito de inclusão de pessoas com deficiência torne-se uma realidade também na modalidade a distância.

⁵ Projeto de desenvolvimento financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

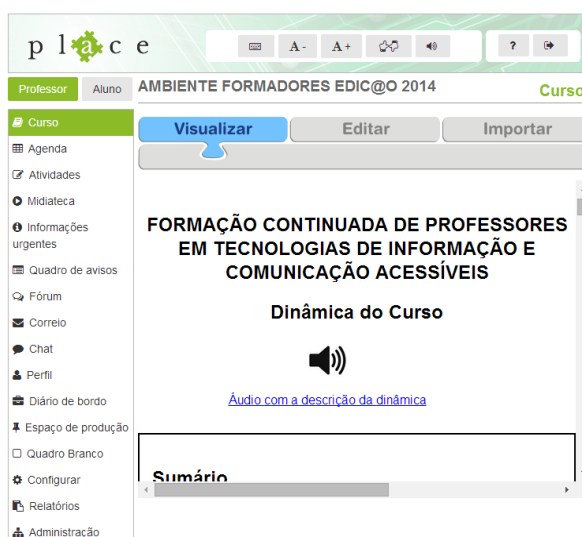


Figura 1 - Place, plataforma acessível (em desenvolvimento) para gerenciamento de aprendizagem a distância, na qual serão incorporadas as diferentes ferramentas digitais acessíveis desenvolvidas pela equipe NIEE/UFRGS.

Os recursos/funcionalidades disponíveis na plataforma Place permitirão que professores cursistas e tutores com deficiência tenham uma interação mais segura, autônoma e amigável, ao diminuir a sobrecarga cognitiva provocada pela falta de acessibilidade dos tradicionais ambientes EAD. No conjunto de ferramentas disponíveis na plataforma Place estarão, entre outras: Bloguito, blog com recursos de acessibilidade; o Quadro-Branco, ferramenta síncrona para a comunicação e produção multimídia colaborativa, para impulsionar a autoria e o protagonismo dos participantes do CFCTICA.

Somam-se a esse conjunto de estratégias implementadas para potencializar o acesso ao ambiente, as adaptações aos materiais do curso e a flexibilização do currículo. A garantia de acesso de todas as pessoas a qualquer ambiente coloca-se como uma afirmação de respeito à dignidade do ser humano. A concretização da equidade na atuação de professores cursistas com deficiência passa, indiscutivelmente, pela implementação de princípios de acessibilidade e de usabilidade para os recursos tecnológicos e pedagógicos disponibilizados pelo curso. A acessibilidade na modalidade a distância, via internet, trata, portanto, de assegurar princípios segundo os quais é possível garantir que qualquer usuário consiga utilizar de forma efetiva seus recursos, independente da sua condição de acesso e de suas especificidades físicas, cognitivas e sensoriais.

Participantes de cursos na modalidade a distância podem, por exemplo, utilizar um computador que não esteja equipado com caixas de som, utilizar uma conexão com a internet instável ou de velocidade reduzida, ser um usuário cego e, por isso, ter sua interação mediada por um leitor de tela. Essas e outras questões, entretanto, não podem constituir-se em um impedimento para acesso à informação. Todas as atividades do CFCTICA foram sintonizadas aos princípios construídos em

pesquisas nacionais e internacionais sobre a Acessibilidade à Web, especialmente as promovidas pelo World Wide Web Consortium⁶ (W3C), e aos estudos de usabilidade de Nielsen (2000), visando garantir o acesso de todos os professores cursistas ao conteúdo digital.

Como estratégias de acessibilidade e de usabilidade a equipe NIEE/UFRGS estruturou o material didático do curso, observando que: todo conteúdo não textual apresenta equivalente textual consistente; toda estrutura visual e aparência está desvinculada do conteúdo, utilizando folhas de estilo; todo conteúdo está acessível por teclado; o recurso de tabelas não foi utilizado para estruturação do conteúdo; garante navegação consistente por todas as páginas, uma vez que todos os elementos significativos para o usuário se repetem em todas as páginas e na mesma posição. Por exemplo, descrição da página em vídeo e áudio (Figura 2); ao utilizar conteúdo externo, como vídeos do YouTube por exemplo, incorporamos o conteúdo às páginas do curso, minimizando possíveis problemas de acessibilidade e evitando que o aluno tenha sua atenção e concentração reduzida pela distração provocada por acessar um site externo (Figura 3); todas as atividades apresentam descrição em texto, áudio e Libras; os materiais e recursos são desenvolvidos de maneira que sejam fáceis de interagir e compreender. A estrutura do conteúdo está baseada em design minimalista e as assertivas são feitas de maneira objetiva; todos os links internos seguem o padrão de links web (texto azul sublinhado), para facilitar o reconhecimento de elementos clicáveis.

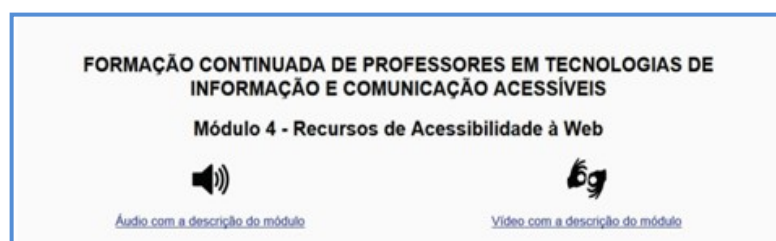


Figura 2 - Links para acesso às descrições em áudio e Libras estão presentes em todas as atividades

Em consulta aos professores participantes⁷, na edição 2013/2, 77% dos 188 entrevistados, a maioria dos quais sem nenhuma deficiência, afirmaram se beneficiar dos recursos de acessibilidade disponibilizados no ambiente, como as descrições em áudio, por exemplo. Tais declarações referendam que a acessibilidade torna os sistemas melhores também para as pessoas que não têm deficiência (THATCHER et. al, 2006). Nessa mesma consulta aos participantes do curso, todos os cursistas com alguma deficiência que responderam a pesquisa afirmaram que tais estratégias de acessibilidade contribuíram para sua permanência no CFCTICA.

⁶ Maiores informações podem ser obtidas em < <http://www.w3.org/>>.

⁷ Dados de pesquisa NIEE/UFRGS 2013/2.

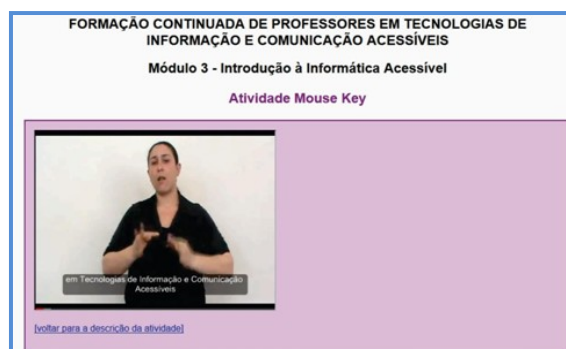


Figura 3 - Vídeo com descrição da atividade em Libras, disponibilizado no YouTube e incorporado às páginas do curso.








Uma das demandas elencadas na Declaração de Salamanca, e, posteriormente, nas políticas públicas brasileiras de inclusão escolar, diz respeito à flexibilização curricular, ou, ainda, a existência de um currículo especial para atender às diferentes necessidades da diversidade humana: A adoção de sistemas mais flexíveis e adaptativos, capazes de mais largamente levar em consideração as diferentes necessidades das crianças irá contribuir tanto para o sucesso educacional quanto para a inclusão (BRASIL, 1997). No cenário educacional brasileiro, o foco da discussão sobre a Educação Especial explicita um deslocamento, da escola ou do aluno com deficiência, para os currículos, métodos, técnicas, recursos e organização específicos para atender às demandas dos estudantes com deficiência.




No que diz respeito à formação de professores para utilização de tecnologias na educação, práticas pedagógicas inovadoras acontecem quando as instituições se propõem a repensar e a transformar sua estrutura cristalizada em uma configuração curricular flexível, dinâmica e articulada com a Sociedade da Informação/Conhecimento. Valer-se desses conceitos em um curso de formação que busca instrumentalizar professores em serviço para a utilização de tecnologias acessíveis na escola inclusiva, sobretudo quando o próprio público da formação passa a ser constituído por pessoas com e sem deficiência, foi central para a construção de um currículo e de uma dinâmica pedagógica capazes de atender às necessidades de um conjunto de educadores, de acordo com as realidades vivenciadas nos diferentes estados e escolas brasileiras envolvidas na formação, principalmente, quando o foco se coloca sobre os desafios da Educação Inclusiva.

A estrutura atual do curso resulta de um cuidadoso processo de observação do cenário educacional, especialmente ao relacionado à construção da escola inclusiva e tecnológica. Os módulos são propostos para aproximar educadores do campo do saber das tecnologias digitais acessíveis como dispositivos para a construção de interfaces potencializadoras de inclusão escolar e sociodigital.

Quadro 1 – Distribuição dos módulos do Curso

ESUD 2014 – XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância
Florianópolis/SC, 05 – 08 de agosto de 2014 - UNIREDE

<p>Módulo 1 - TICs Acessíveis e Política Nacional de Educação Especial</p> <p>Contextualização do cursista com a temática do curso, o ambiente virtual de aprendizagem Teleduc e a discussão Políticas de Educação Inclusiva</p> <p>6 atividades</p> <p>10 horas/aula</p>  <p>Vídeos com apresentação da equipe</p> <p>Preenchimento do Perfil</p> <p>Fórum de Discussão</p> <p>Bate-papo</p>  <p>Leitura, reflexão e publicação no ambiente</p> <p>Apresentação das Instituições Educativa</p>	<p>Módulo 1 - Tecnologias de Informação e Comunicação Acessíveis e Política Nacional de Educação Especial: Módulo de introdução ao curso que se caracteriza por instrumentalizar o professor cursista para a utilização dos recursos de comunicação e de interação disponibilizados na plataforma virtual. O fio condutor de todo o processo de apropriação das ferramentas de mediação na modalidade EAD são os princípios da Política Nacional de Educação Especial.</p>
<p>Módulo 2 - Recursos de Internet Acessíveis</p> <p>Exploração e reflexão acerca das possibilidades educativas da Web em atendimento à diversidade humana</p> <p>Das 9 atividades disponíveis, o cursista opta por 3.</p> <p>60 horas/aula</p>  <p>Bloco A - Pesquisa na Web (3 opções de atividades)</p> <p>Bloco B - Computação nas Nuvens (3 opções de atividades)</p>  <p>Bloco C - Ferramentas de Autoria na Internet (3 opções de atividades)</p>	<p>Módulo 2 - Recursos de Internet Acessíveis: Módulo de exploração dos recursos da internet para a inclusão escolar e sociodigital. Pela apropriação dos eixos de comunicação, navegação, pesquisa, produção de conteúdos e a publicação na rede, as ferramentas da internet são colocadas nas mãos dos professores para a construção de estratégias inclusivas direcionadas de forma pontual aos estudantes com deficiência em processo de inclusão escolar.</p>
<p>Módulo 3 - Introdução à Informática Acessível</p> <p>Apropriação de diferentes Tecnologias Assistivas para atendimento à diversidade humana</p> <p>Das 13 atividades disponíveis, o cursista opta por 4.</p> <p>60 horas/aula</p>  <p>Bloco A - Limitações Motoras (3 opções de atividades)</p> <p>Bloco B - Limitações Visuais (4 opções de atividades)</p>  <p>Bloco C - Limitações na Comunicação Verbal (5 opções de atividades)</p> <p>Atividade prática junto a uma PcD, envolvendo uma das tecnologias exploradas no módulo,</p>	<p>Módulo 3 - Introdução à Informática Acessível: Módulo traz para discussão o potencial dos recursos digitais centrais para apoiar o processo de inclusão escolar e sociodigital para o público-alvo da Educação Especial, as tecnologias assistivas</p>
<p>Módulo 4 - Acessibilidade à Web</p> <p>Estudo e análise prática das diretrizes e recomendações para a construção de ambientes digitais acessíveis a PcD</p> <p>Das 3 atividades disponíveis, o cursista opta por 1.</p> <p>10 horas/aula</p>  <p>Bloco A - Acessibilidade à Web (3 opções de atividades)</p>	<p>Módulo 4 - Acessibilidade à Web: Módulo de temática extremamente atual e que complementa a discussão iniciada no módulo de informática acessível. Propõe uma análise sobre os principais obstáculos enfrentados pela diversidade humana ao navegar pela Web, instigando professores cursistas a: (1) conhecer princípios de Acessibilidade à Web; (2) orientar a construção de conteúdo acessível para a Web; (3) validar sites utilizando sistemas de avaliação automática e manual</p>

<p>Módulo 5 - Objetos de Aprendizagem Acessíveis</p> <p>Análise e produção de objetos de aprendizagem multimídia acessíveis</p> <p>Das 5 atividades disponíveis, o cursista opta por 1.</p> <p>30 horas/aula</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Bloco A Avaliação de Objetos de Aprendizagem (1 atividade)</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Bloco B Produção e utilização pedagógica de Conteúdo Multimídia (5 opções de atividades)</p> </div> </div>	<p>Módulo 5 - Objetos de Aprendizagem Acessíveis No Módulo 5 o foco da discussão foi colocado na temática de software educacional e objetos de aprendizagem, visando refletir sobre a utilização desses recursos tecnológicos junto a alunos com deficiência. Com a discussão alicerçada no conceito de heterogeneidade e na análise tecnológica e pedagógica de recursos computacionais, professores cursistas são impulsionados a aplicar novas metodologias para potencializar a participação ativa de todos os estudantes no processo de aprendizagem.</p>
<p>Módulo 6 - Estudo de Caso e Plano de Ação Pedagógica</p> <p>Identificação e análise diagnóstica de casos de inclusão seguida de proposta de intervenção por meio das TIC acessíveis</p> <p>Uma atividade na qual todo curso entra em perspectiva</p> <p>10 horas/aula</p> <div style="text-align: center;">  <p>Investigação e proposta de intervenção para atendimento às demandas da realidade avaliada com base nos conhecimentos construídos ao longo do curso (1 atividade)</p> </div>	<p>Módulo 6 - Estudo de Caso e Plano de Ação Pedagógica: Módulo que encerra o processo de formação em tecnologias digitais acessíveis, convidando os professores cursistas a refletir sobre práticas educacionais inclusivas por meio de estudo de caso e da construção de um plano de ação pedagógica. Para esse desafio, os educadores retomam as temáticas e recursos tecnológicos abordados nos módulos anteriores para projetar interfaces comprometidas com as múltiplas necessidades sociais e culturais da diversidade de estudantes com deficiência em processos de inclusão escolar.</p>

Para Valente (1997, p.19), “os assuntos desenvolvidos durante um curso devem ser escolhidos pelos professores, de acordo com o currículo e a abordagem pedagógica adotados pela escola”. Foi com base em tais pressupostos que se desenhou a proposta de flexibilização curricular para o CFCTICA. As disciplinas foram divididas em blocos temáticos, nos quais são disponibilizados diversas atividades. Para cada bloco, o professor cursista deve escolher, no mínimo, uma atividade para realizar. Uma vez que as tarefas apresentadas em cada bloco estão relacionadas a um conceito-chave, foi possível desenhar uma linha formativa, sem, no entanto, engessar as possibilidades de aprendizagem do professor. Na medida em que o professor cursista tem o poder de escolha quanto ao seu currículo de estudo, passa a ser estabelecida a corresponsabilidade de cada educador na construção de seu conhecimento no âmbito das tecnologias digitais acessíveis.

Para tornar mais clara a proposta de flexibilização curricular implementada pela equipe de coordenação pedagógica do curso, ilustramos essa dinâmica visualizando a estratégia em ação no Módulo 3, Introdução à Informática Acessível. O campo de saber e a materialidade da Tecnologia Assistiva foi estruturada em três blocos temáticos, módulo em que foram apresentadas ajudas técnicas nas áreas de limitação motora, visual e na comunicação verbal (figura na tabela 1). Os professores cursistas exploram os três blocos, realizando ao menos uma atividade para cada uma dos eixos propostos. O diferencial da possibilidade de escolha está

no aprofundamento do eixo temático no qual o processo de inclusão se coloca de forma mais desafiadora para o professor cursista.

Ao ter em sua sala de aula um aluno com baixa visão, por exemplo, o professor cursista poderá explorar com maior profundidade as tecnologias assistivas direcionadas a essa deficiência, podendo, em outros momentos, retomar seu processo de estudo, uma vez que o conteúdo fica disponível para o acesso mesmo após o encerramento do curso. O jogo da totalidade e da especialidade torna-se uma prática na formação em tecnologias digitais acessíveis. Cada professor cursista explora um conjunto de recursos e estratégias técnico-pedagógicas inclusivas, mas focaliza seu estudo na área da deficiência que no momento de coloca como o maior desafio de docência.

Em consulta realizada junto aos professores que participaram da primeira edição no curso na qual foi implementado esse modelo de currículo flexível, 94% dos 188 entrevistados consideraram a ação como positiva, e também relevaram aspectos que validam a reengenharia curricular proposta pela equipe do NIEE/UFRGS. Outros destaques (tabela 2) foram apontados pelos professores cursistas entrevistados, ao analisar a possibilidade de eleger as atividades a partir dos blocos temáticos.

Quadro 2 – Avaliação dos Blocos Temáticos

Atende às demandas e necessidades específicas da realidade de cada professor: *O fato de podermos optar por uma das atividades me ajuda a aprender mais sobre determinado assunto ou recurso que estiver precisando para trabalhar com algum aluno. Depois de concluída a atividade escolhida é bastante interessante realizar outras atividades também. [Professora D., 26 anos]*

Promove a autonomia e responsabilidade do professor perante a formação: *Parece que quando nós escolhemos a atividade, temos ainda mais responsabilidade sobre ela. É bom poder escolher! [Professora L., 42 anos]*

Valoriza a diversidade humana, permitindo optar por tarefas para as quais apresenta maiores habilidades: *Achei que tendo a possibilidade de escolher a atividade para ser realizada, o aluno tem a autonomia para fazê-la, de acordo com o seu perfil, onde terá mais segurança para que nos debates possa explanar suas ideias com os tutores e com os alunos do grupo. Assim aprendemos mais. [Professora M., 43 anos]*

Amplia o conhecimento, na medida em que são disponibilizadas muitas atividades para livre exploração: *Ser democrático é deixar a pessoa livre e isso é muito importante para que os participantes do curso sintam prazer em realizá-lo. Quando você tem a opção de escolha, você passa a ter conhecimento de cada alternativa antes, para depois optar. Assim, sem querer, o cursista tem um pouco de conhecimento de todas as atividades oferecidas no curso.” [Professora V., 50 anos]*

Agiliza o tempo de que o professor dispõe para realizar o curso: *Poder escolher apenas uma atividade [em cada bloco] é muito bom pelo fato de meu tempo ser reduzido e eu não poder fazer todas as atividades obrigatoriamente. No entanto, sempre consigo fazer mais de uma em cada bloco porque acho importante para meu aprendizado [Professora A., 44 anos]*

Adapta o currículo aos recursos tecnológicos de que o professor dispõe: *Porque nos permite realizar as tarefas adequando-as de acordo com a estrutura que temos acesso em casa e na instituição de trabalho. [Professora S., 40 anos]*

Oportuniza a valorização dos conhecimentos prévios do professor em determinadas áreas: *Achei importante porque possibilita ao aluno utilizar seus conhecimentos e ampliar as possibilidades de conhecer novos recursos. [Professora J., 40 anos]*

4. Considerações Finais - Discurso e prática inclusiva: a base conceitual

As constantes reestruturações implementadas no CFCTICA estão alicerçados em três conceitos colocados em discussão por Conforto (2001) ao quando analisar a inserção do computador em escolas na periferia de Porto Alegre, assumindo a mediação tecnológica como ações de inclusão escolar e sociodigital: a inteligência, a heterogeneidade e o currículo de aprendizagem.

Flexibilizar a estrutura curricular e assumir o desafio de tornar a processo formativo acessível a todos os professores cursistas, foram estratégias implementadas pela equipe do NIEE/UFRGS, construídas sob premissas diferentes das quais geralmente normatizam os processos mais tradicionais de formação. Como primeira premissa, buscamos romper com a visão reificada e racionalista da inteligência, a que classifica e categoriza, para assumir a inteligência como o resultado do processo de aprender. O homem torna-se inteligente pelo processo coletivo e histórico de suas aprendizagens. De uma visão cristalizada para a inteligência como uma categoria unicamente biológica, acreditamos na inteligência como produto das aprendizagens construídas nos diferentes espaços socioculturais nos quais estamos inseridos.

A premissa alicerçada no conceito de inteligência das aprendizagens somente se concretiza no processo de interação. Todos são inteligentes, pois como destaca Lévy (1996), possuímos um conjunto de capacidades para perceber, aprender imaginar e raciocinar. Para que essas habilidades não fossem subestimadas foi preciso romper com a homogeneidade dos cursos de formação, que trazem como consequência o esfacelamento das individualidades. No CFCTICA, as estratégias de adequação dos recursos tecnológicos e pedagógicos oferecidos buscaram romper com a lógica racionalista excludente que gera um descompasso dos educadores com deficiência em relação às oportunidades oferecidas pelo próprio potencial tecnológico.

A busca da acessibilidade e usabilidade dos recursos e tecnologias disponibilizados pelo curso abriu o processo de formação aos professores com deficiência, impulsionando que as limitações sensoriais, físicas e cognitivas fossem minimizadas pela interface das tecnologias assistivas. Com a premissa da heterogeneidade, assumimos que cada professor do curso tem uma história singular, como também são singulares as trajetórias de aprendizagens e as experiências de docência. Ao flexibilizar a estrutura curricular, respeitamos e valorizamos a história acadêmica e profissional dos educadores, possibilitando a construção de currículos de aprendizagens, que se concretiza no CFCTICA por: (1) disponibilizar recursos tecnológicos e pedagógicos ajustados aos princípios de acessibilidade e usabilidade; (2) qualificar o processo de mediação técnico-pedagógica com a vinculação de tutores especializados para impulsionar uma ação mais autônoma para professores com deficiência visual, auditiva e física; (3) flexibilizar a estrutura curricular para possibilitar a construção de currículos de aprendizagem e para corresponsabilizar o

professor cursista por seu processo de formação.

A permanente reinvenção do curso de formação coloca-se como um desafio assumido pela equipe do NIEE/UFRGS inspirado nas palavras de Rosa de Luxemburgo, uma mulher que marcou a história do século XX por sua luta "Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres".

Referências

- BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Trad. Edílson Alkmin da Cunha. Brasília: CORDE, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Especial, 1998.
- CONFORTO, D. Ambientes informatizados na proposta político pedagógica da escola cidadã: que tempos e espaços estão sendo construídos na periferia de Porto Alegre? Proposta de Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: UFRGS, 2001.
- GLAT, R. & OLIVEIRA, E. Adaptações Curriculares. Relatório de consultoria técnica, projeto Educação Inclusiva no Brasil: desafios atuais e perspectivas para o futuro. Banco Mundial, 2003.
- NEVES, S.; GONÇALVES, C. Educação a Distância: avanços históricos e legislação brasileira. Revista Tecer - Belo Horizonte – vol. 6, nº 10, maio de 2013.
- NIELSEN, J. Projetando Websites. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2000.
- LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.
- VALENTE, J. A. Visão analítica da Informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. Revista Brasileira de Informática na Educação. RS: Sociedade Brasileira de Computação, n. 1, setembro de 1997.
- VIEIRA, M. C.. EAD: O Mito da Educação Fácil. Revista da Graduação, Porto Alegre, 1, abr. 2008.
- RODRIGUES, D. Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In: RODRIGUES, Davi (org.). Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.
- THATCHER, J., et al. Web Accessibility: Web Standards and Regulatory Compliance. Friends of Ed, 2006.